



Infância no inferno ou a manifestação do insólito no cotidiano das personagens de Antonio Carlos Viana

Georgina Martins*

O objetivo deste ensaio é investigar como a ficção é capaz de representar a manifestação do insólito no cotidiano da infância pobre, bem como o lugar da criança na literatura realista. O interesse pelo tema nasceu de um trabalho desenvolvido por dois anos em uma organização não governamental, na Favela da Maré (Rio de Janeiro), com crianças de oito escolas da rede pública do ensino fundamental. Nesse espaço ocorriam situações que me pareciam tão inverossímeis que supunha que nem toda a ficção do mundo fosse capaz de explicá-las. Era como se a realidade superasse a ficção.

Além de ter sido devidamente informada sobre a proibição de usar a cor vermelha em algumas áreas da favela, não só testemunhei o inominável como ouvi explicações insólitas que, em minha avaliação, davam conta de suavizar o sofrimento de pessoas atingidas pela violência. Exemplo disso era uma mãe acreditar que o filho de dez anos baleado por um policial no momento em que saía de casa para comprar pão fora vítima da ira do diabo. Com gestos dramáticos, na presença do menino acamado, a mãe afirmava que o “coisa ruim”, contrariado porque ela, em “nobre missão” religiosa, viaja-ra para levar a palavra de Deus aos descrentes, castigara seu filho.

* Doutoranda em Literatura Brasileira (UFRJ).

Em seu delírio religioso, dizia que tanto Deus quanto o diabo haviam pesado a mão sobre o menino. A Deus atribuía a função de educador – aquele que punia o filho para mostrar-lhe que não deveria sair de casa quando a mãe estivesse fora –; quanto ao diabo, tentava barrar a missão divina comandada por ela.

Muito mais leve do que esses casos, mas não menos insólito, foi o argumento que ouvi de outra mãe sobre a ordem que dera a seu filho de nunca levar livros para casa. Disse-me ela que a diretora da escola onde o filho estudava, ao entregar os livros comprados pelo governo federal, obrigava os pais a assinarem uma promissória no valor de trezentos reais como garantia da devolução dos livros no final do ano letivo. O medo de que os filhos menores danificassem o material didático do irmão obrigou a mãe a adotar tal medida.

Situações como essas me faziam sentir como se viajasse em uma máquina do tempo de volta à barbárie – sentimento que encontrava refúgio no trabalho que desenvolvia com textos literários, na maioria das vezes única forma de suportar a impotência diante de tão insólita realidade. Na Maré o insólito é o cotidiano, daí a necessidade de investigar como a literatura é capaz de iluminar essa relação.

Não há como ignorar a potência fictícia dessas situações, que poderiam figurar tanto na prosa de García Marquez quanto em narrativas compiladas pelos irmãos Grimm. Essa constatação aguçou ainda mais a curiosidade por investigar como a ficção realista é capaz de interpretar e representar as situações insólitas que, muito comumente, invadem o cotidiano das comunidades pobres.

Desse modo, para melhor perceber o que vem a ser ficção de caráter realista, retomo o ensaio “Anotações sobre o realismo” (2005), no qual Leandro Konder afirma que, a partir de Hegel e Luckács, compreende toda obra de arte, bem como toda construção

de conhecimento, como proveniente do Ser. Para esses pensadores, a arte não pode ser entendida como construção que independe da realidade e de suas contradições. Nela encontramos o reflexo da sociedade, da cultura, bem como de todas as atividades humanas. É a partir dessa perspectiva que este ensaio tenta compreender a manifestação do insólito no cotidiano das personagens infantis retratadas nos contos de Antonio Carlos Viana. São eles: “O meio do mundo” – publicado na coletânea *O meio do mundo e outros contos* (1999) –, “Barba de arame”, “Ana Frágua” e “Novidade” – de *Aberto está o inferno* (2004).

O autor

Ainda pouco conhecido e avesso a badalações, Antonio Carlos Viana quase nunca figura nos suplementos literários. Nascido no ano de 1946, em Aracaju, Sergipe, é mestre em Teoria Literária e doutor em Literatura Comparada. Publicou *Brincar de manja* (1974), *Em pleno castigo* (1981), *O meio do mundo* (1993) e *Aberto está o inferno* (2004), além da coletânea *O meio do mundo e outros contos* (1999).

Suas narrativas sobre morte, violência, infância, sexo e fome – ambientadas, em sua maioria, na aridez do solo nordestino – constituem um importante material de análise e reflexão sobre a dureza da vida. Suas personagens são os desvalidos: gente obrigada a conviver com toda sorte de iniquidades, quase nunca experimentando a alegria; quando o faz, é sempre à custa de muita dor ou como resultado dela.

Viana resiste a falar de seus livros. Essa resistência, que segundo ele mesmo é fruto de uma timidez crônica, não o impede de desnudar suas personagens, que se deparam constantemente

com o assombro, a violência e o encantamento diante do sexo; personagens colocadas em situações-limite e que, em geral, perdem a inocência de maneira abrupta e dolorosa.

Outra característica que merece destaque é o papel que o autor desempenhou como professor de redação em um curso pré-vestibular na sua cidade. Muito mais preocupado em formar leitores do que brilhar no cenário das belas letras, Viana, depois do seu doutorado na França, declara que optou por voltar ao começo e trabalhar com jovens que precisam aprender a escrever e a ler:

Fui professor universitário por mais de 20 anos na Universidade Federal do Sergipe. E o nível de leitura dos alunos do próprio curso de Letras era muito baixo. O pior de tudo era que muitos nem gostavam de ler. Então, eu sempre dizia para eles: “Se vocês não gostam de ler e de escrever, não sei qual é o seu papel no curso de Letras. Não dá para entender”. Daí, claro, existe resposta para tudo. Alguns me diziam que precisavam ter nível superior, ter um nível no Estado, o nível um, dois, três, quatro, cinco. Alguns, com o tempo, se tocavam de que era preciso ler mesmo. E continuavam lendo e escrevendo alguma coisa. Mas a maioria, não. No exterior, fiz um curso altamente sofisticado, que é o de Literatura Comparada. E, sinceramente, nunca dei uma aula de Literatura Comparada. É um paradoxo. A universidade me paga, fico quatro anos na França estudando e, na volta, a universidade simplesmente não se digna a me oferecer um curso de Literatura Comparada. Voltei com aquele ideal de começar a fazer estudos comparativos – meu trabalho era sobre a poesia de Paul Valéry e João Cabral de Melo Neto. Cheguei aqui e só uma ou outra vez me chamaram para fazer uma palestra sobre o assunto. Portanto, três anos depois da minha volta da França, percebi que eu estava chovendo em terra árida demais. Começava a falar e os alunos não entendiam absolutamente nada. Por que falar de Mallarmé, de Valéry? As pessoas nem sabem quem é Mallarmé. O que foi que eu fiz? Eu disse: “Vou voltar ao zero”. Simplesmente voltei a ser professor de redação.

Parece uma coisa meio maluca, contraditória. Elaborei um projeto para redação dentro da universidade e não fui muito bem visto. As pessoas achavam que, por eu ter um doutorado, seria um retrocesso dar aulas de redação. Mas não adianta exigir Teoria Literária de quem não sabe nem escrever um parágrafo.¹

Mais um motivo da nossa admiração pelo autor, que, ciente da importância do seu papel de intelectual em uma cidade como Aracaju, se volta para a formação de jovens pobres.

“O meio do mundo”

A primeira questão a ser destacada em relação a esse conto é a dificuldade de definir a natureza do narrador, uma vez que ele tanto pode ser uma criança que conta casos que lhe tenham acontecido quanto um adulto que narra suas memórias de infância. Tal indefinição não nos parece configurar um defeito da narrativa, mas sim uma proposta estética de um autor cujas personagens infantis integram um contexto hostil e miserável, geralmente dando seus primeiros passos na aridez do solo nordestino – premissa que leva o autor a delegar-lhes um outro destino que não o da infância feliz, assinalando a ausência (ou, no limite, a dimensão ficcional) desse lócus historicamente merecedor de atenções e cuidados especiais. Independentemente de o narrador ser um menino que conta sua experiência ou um adulto que a rememora, temos situações ocorridas no passado, memórias do narrador.

A narrativa versa sobre a perda abrupta da inocência. O narrador, num exercício doloroso de recuperação de sua memória

¹ Entrevista concedida à coluna “Paiol Literário”, do jornal virtual Rascunho.

de infância, remete-nos ao tempo em que se deu a sua iniciação sexual, tramada pelo pai em furtivas conversas com a mãe. Ignorante de seu destino, obrigado a acompanhar o pai por uma estrada árida e deserta em solene silêncio, o menino se deu em sacrifício.

Na noite que antecedeu a viagem, das conversas furtivas entre o pai e a mãe o menino somente conseguira deduzir que lhe fora reservada uma empreitada urgente e inevitável, cuja gravidade intuída era suficiente para inibir sua curiosidade infantil. Sabia apenas que era preciso seguir os passos do pai:

A estrada era comprida que nem só, mais ainda que a do mulungu onde a gente ia ver o doutor uma vez por ano. Meu pai na frente, calado mais que nunca, o sol ardendo na cabeça... E lá íamos no silêncio da areia quente esfolando os pés, minha alpercata mais comida que a correia de amolar faca (1999, 13).

No processo de narração de suas memórias, as imagens que ele evoca – como a imprecisão do caminho, o silêncio dos pais e a aridez do ambiente – parecem antecipar o desfecho quase trágico de sua entrada no mundo adulto, marcada principalmente por uma percepção de desamparo no meio do mundo. Sentimento que nos remete ao abandono igualmente experimentado pelas personagens infantis de narrativas maravilhosas como *O pequeno polegar* e *João e Maria*, obrigados precocemente a trocar a proteção paterna pela entrada na dureza da vida adulta.

No entanto, apesar de experimentar sensações parecidas com as vivenciadas por aquelas personagens maravilhosas, o menino do conto não habita um universo mágico, tampouco retorna à casa paterna levando tesouros. Sua realidade de garoto nordestino pobre é dura e árida, sem lugar sequer para expectativas de finais felizes.

Ainda assim, identificamos uma atmosfera parecida com a que envolve as tais personagens maravilhosas, construída a partir de índices como os sussurros partilhados entre o pai e a mãe, a ignorância do menino quanto ao seu destino, a urgência da empreitada e o papel silencioso de guia místico que o pai desempenhou durante o trajeto:

Na verdade eu nem sabia para onde estava indo. Vagas conversas na noite, meu pai pedindo as poucas economias à minha mãe, dizendo que estava faltando remédios para carrapato e que tinha de negociar uns cabritos no caminho da Vargem Grande. Quando acordei já estava tudo pronto e só faltava partir (p. 13).

O silêncio do pai durante a viagem só foi rompido para entabular uma conversa amigável com a dona da casa – a carvoeira que fazia vezes de prostituta –, que, diferente do menino, sabia exatamente qual era o seu papel na história: “Meu pai começou a conversar como se fosse seu velho conhecido e estivesse agora atualizando a vida. Ela só ria, como se estivesse entendendo e não tivesse nada para contar” (p. 14).

Abandonado pelo pai na casa da tal mulher – para nós, quase uma representação nordestina da bruxa europeia da casa de doces –, ainda sem entender o que o esperava, o menino deu seus primeiros passos em direção aos descaminhos do sexo. Sentimentos como medo, nojo e prazer foram experimentados por ele durante o contato com o corpo “fedorento e empretecido de carvão” que a iniciadora não se preocupava em esconder. Assombrado diante daquela situação assustadoramente natural, deu-se conta de que nunca mais seria o mesmo.

Tais sentimentos também são partilhados pelo leitor, que se percebe igualmente assombrado com o tom insólito desse excesso de naturalidade. Tão insólito quanto a decisão tomada pelo

pai de lançar mão das parcas economias da família, em detrimento da compra de remédios para carrapatos, a fim de pagar a iniciação sexual do filho com uma mulher muito mais velha. Atordoado e excitado, o menino se depara com os primeiros prazeres daquele sexo urgente e necessário:

puxou um peito para fora e fez como quem ia dar de mamar. O tempo parecia se encompridar com meu corpo naquela hora... E o calor amornando o meu pescoço. A mulher fedia. A blusa toda aberta, um peito pulando quente em minha boca, fornido, preto de carvão aqui e ali, até no bico de um rosado triste (p. 14).

Inseguro e amedrontado, deixou-se comer pela única bruxa possível daquele ambiente inóspito. Como se em algum canto de sua memória ecoassem pedaços das narrativas maravilhosas e daqueles outros meninos tão desamparados quanto ele:

E ela me virou no chão, a esteira dura me espetando as costelas, ela por cima, eu por baixo, eu por cima, até que me sacudi todo e ela ficou na pose de São Sebastião da parede do meu quarto, um braço largado ao longo do corpo, o outro por trás da cabeça, mostrando sua chaga viva (p. 15).

Depois do sexo, como se perdido no meio do mundo, o menino pressentiu que o pai não iria buscá-lo, que precisava voltar sozinho apesar da lonjura e da aridez do caminho. Oscilando entre a necessidade de ser protegido e o desejo de abandonar-se, soube que estava mudado de uma maneira irreversível, pois já não podia contar com a proteção dos seus, uma vez que acabara de perder a inocência. Sua entrada no mundo adulto, embora de forma abrupta e violenta, havia sido concluída: “Adeus pai, adeus mãe, foi o que veio na minha cabeça, como se fosse uma despedida de viagem, que

eu nunca que fosse ser o mesmo quando fosse pedir a benção no outro dia, à minha mãe” (p. 15).

Do ponto de vista da estruturação do conto, Viana não só repete como enfatiza aspectos tradicionalmente explorados pelas narrativas arcaicas, como a atmosfera de ritual iniciático que paira sobre o menino desde que os pais começam a tramar sua primeira experiência sexual. Tal aspecto também nos permite afirmar ser essa atmosfera muito próxima da que encontramos nas descrições dos rituais de sacrifício, muito embora nesse caso desempenhe outra função que não a de aplacar a ira dos deuses.

Nesse sentido, destacamos duas importantes características da natureza sacrificial, observadas por René Girard em *A violência e o sagrado* (1998), que podem servir para iluminar nossa hipótese: a primeira é a necessidade de um certo desconhecimento por parte dos envolvidos que participam dos rituais de sacrifício, uma vez que o aspecto sagrado do ato exige que algumas coisas se mantenham em segredo. A segunda é o fato de, na maioria das sociedades primitivas, as crianças e adolescentes não iniciados não pertencerem às suas comunidades e, conseqüentemente, não terem seus direitos e deveres legitimados enquanto não se efetivar a iniciação. Nesse sentido, ambas as características constituem significativos índices iniciáticos na prosa analisada.

O menino, por ser portador da natureza de macho, tinha por função perpetuar a masculinidade, mas somente depois que ocorresse a confirmação dessa natureza, o que se dá pelo sacrifício. Levado pelo pai à casa da carvoeira, foi iniciado no mundo masculino, principal condição para ser aceito entre seus pares.

No entanto, para não descartar uma perspectiva sociológica na análise em questão, é importante observar que, muito embora o menino não tivesse sequer sido informado da decisão paterna,

não caberia a ele julgá-la. Sabia ser dever do pai garantir a macheza dos “meninos homens”, tal como prescrevem os preceitos pedagógicos que, no Brasil, têm origem nas aberrações do sistema escravocrata, legitimador da iniciação sexual dos filhos de senhores do engenho com as escravas. Mal os meninos brancos entravam na puberdade, não só eram incentivados, mas muitas vezes obrigados a se deitar com elas.

A precocidade do desejo sexual dos sinhozinhos de engenho, segundo Gilberto Freyre, na sua peculiar interpretação dos costumes do Brasil colonial, devia-se às condições climáticas do país e à promiscuidade:

Nenhuma casa-grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar os filhos maricas ou donzelões. [...] O que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz. Femeeiro. Deflorador de mocinhas. E que não tardasse em empenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos (Freyre: 1989, 245).

O pensador destaca ainda que, antes do uso das negras pelos sinhozinhos, os primeiros aprendizados do sexo se davam com plantas e animais: melancias, mandacarus e as criações domésticas; “e só mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata” (idem).

Tão preconceituosa e estereotipada quanto a fala de Freyre na citação em destaque é a do narrador de Viana. Apesar de não ser um sinhozinho de engenho, habita um território marcado pelas contradições do choque de convivência entre dois Brasis: o moderno e o arcaico. E as contradições desse enredo fazem par com os termos a que recorre para perceber a mulher durante o ato sexual:

A mulher fedia [...].

[...] e quando arrebentou a saia já era outra mulher, mais ainda pintalgada de carvão, mas com força igual de égua quando entesta de ir beber no poço.

Escanchou-se que nem eu correndo desembestado em cima do cavalo do seu Zé do Adobe pelo pasto estorricado (p. 15).

“Barba de arame”

Ao afirmar que em toda a humanidade existe um núcleo da infância e que tal núcleo se configura um espaço de poesia e de sonho em que os poetas buscam o alimento para o fazer poético, Bachelard (1988) parece ratificar a posição de Freud (1993) em suas teorias sobre o narcisismo, segundo a qual a aparência beatificada e inacessível da criança – em seu estado de espírito de bem-aventurança – seria um dos principais motivos do amor narcísico que nós, adultos, dedicamos a ela. Partindo dessa premissa, podemos afirmar que a nossa atávica admiração pela infância tem origem no medo de envelhecer, de ter o corpo corrompido pela ação do tempo – um dos principais medos do homem, segundo Freud.

Admiramos nossas crianças sobretudo pelo desejo de encontrar nelas aquilo que fomos um dia: um corpo íntegro e vigoroso, sem as marcas do envelhecimento. Daí o nosso desconforto diante dessa infância incômoda que Viana, vira e mexe, impõe-nos em sua ficção – cujos corpos sujos e esquálidos, corrompidos pela miséria, são incapazes de aguçar nossa admiração narcísica; como é o caso da protagonista de “Barba de arame”. Menina que, junto com sua mãe, perambula pelos manguezais entregue à própria sorte, à cata de caranguejo e maçunim – um tipo de marisco – para comer, e que é violentada por um desconhecido que ela apelida de Jesus-Deus:

Já não aguentava mais comer maçunim e caranguejo. Estava ficando uma mocinha e tinha vergonha de cagar no descampado com os pés quase dentro da água podre, de fazer todas as necessidades assim em campo aberto, correndo quando via alguém, como naquela manhã, quando ele a viu mijando na beira do mangue (2004, 40).

Em contrapartida, se num primeiro momento as especulações de Bachelard (1988) e de Freud (1993) dão conta de explicar o nosso desconforto, analisadas sob outro prisma, à luz de uma perspectiva gramsciana, podemos afirmar que ambos os pensadores especularam sobre uma infância idealizada, o que, em nossa avaliação, não dá conta de explicar essa outra infância pobre e feia, em constante estado de decomposição, pertencente à “sociedade dos caranguejos”.

A trajetória dessa protagonista é contada por um narrador que, apesar de não se preocupar em identificá-la pelo nome – o que ocorre apenas no momento em que a mãe suspeita que ela já perdeu a virgindade –, a conhece a ponto de quase confundir-se com ela; e o faz incorporando muitas de suas impressões e sensações, como em um possível gesto de solidariedade. Essa intimidade tem origem no conhecimento de causa que o narrador possui dessa realidade insólita, muito embora não obrigatoriamente faça parte dela:

Olhou-a com os olhos azuis de Jesus-Deus, sorriu de um jeito tão compreensivo que nem teve medo quando ele se aproximou. Pareceu compreender toda vergonha que ela sentia. Por isso, foi com ele ver a casa abandonada, ele, tão diferente dos outros que andavam por ali, com aqueles cabelos longos e amarelos (p. 41).

A primeira experiência sexual da menina não pode ser analisada à luz de uma compreensão ritualística, como a do menino

de “O meio do mundo”. Apesar de o conto tratar também da perda da infância, a experiência não se mostra urgente e necessária para sua entrada no mundo adulto: é fruto de uma prática que tem por princípio a violência, mas suas motivações não são ritualísticas. Seu iniciador é um desconhecido que ela passa a chamar de Jesus-Deus, por achá-lo semelhante à imagem do Jesus do calendário afixado na parede do seu barraco. Para ela, um homem bom – que, além de não rir quando a viu fazendo xixi no meio da lama, ainda prometera realizar seu maior desejo: possuir uma latrina, para que não precisasse mais fazer suas necessidades ao ar livre, na lama do mangue, como no primeiro dia em que ele a viu:

– Diga a coisa que você mais quer – ele falou abotoando a bermuda.

– Uma latrina.

Ela queria uma latrina. A coisa que mais queria na vida, ela e sua mãe, que vivia pelo mundo da maré para arrumar comida pras duas. Já não aguentava mais comer maçunim e caranguejo (p. 40).

A vergonha de urinar e defecar em campo aberto é um dos poucos sentimentos que a mantêm distante da condição de animal irracional. Contraditoriamente, esse mesmo sentimento a obriga a usar seu corpo como moeda de troca para a realização de seu mais genuíno desejo: a latrina dos seus sonhos. No entanto, nem mesmo todo o vigor desse desejo é suficiente para impedi-la de se submeter passivamente, até sucumbir ao estado de quase demência, às perversões e caprichos sexuais do Jesus-Deus: “Dera agora para fazer as necessidades rezando, as rezas que a mãe lhe ensinara quando menina” (p. 42). A atitude nos remete às proposições de Spinoza (1979): seria o desejo a própria essência do ser humano, mas apenas quando nascido da alegria é que contribuiria para fortalecer os

homens, para alimentar-lhes a potência; quando nasce da tristeza, como no caso da nossa protagonista, o desejo é fraco e, consequentemente, enfraquece os homens. O sexo precoce e violento a que a menina é submetida não se configura em um rito de passagem necessário e planejado pelos seus, como no caso do menino do conto anterior, mas sim em uma condição para que ela realize não o seu maior desejo, mas o único que lhe parece factível naquele ambiente inóspito. Desprovida de tudo, sequer consegue nomear outros desejos – o que é espantosamente mais cruel do que a violência sexual.

Como não desejar bonecas, panelinhas ou qualquer outro brinquedo, sendo apenas uma menina? Não nos causaria assombro se desejasse uma casa para ela e a mãe, ou mesmo uma mesa farta e vestidos novos; entretanto, seu desejo é limitado pela situação de miséria, pela promiscuidade, pela falta de um mínimo de privacidade capaz de diferenciá-la dos caranguejos que recolhia. Por isso ela pede ao Jesus-Deus uma latrina, que poderia devolver a ela e à mãe um pouco da humanidade perdida no lamaçal do mangue. É a crença na realização desse insólito desejo que a deixa tão vulnerável nas mãos daquele desconhecido, do qual só conhecia a semelhança com o Jesus do calendário – motivo mais do que suficiente para acreditar que cumpriria a promessa:

Ele fez umas coisas diferentes da outra vez, e ela só não gostou do visgo que ficou entre as pernas. Depois ele disse que podia abrir os olhos e ela abriu e viu os olhos dele tão azuis e cheios de bondade que quis chorar. Ele tinha cara de quem ia mesmo construir sua latrina (p. 42).

Depois de possuí-la, o homem sempre partia – sem, no entanto, esquecer de renovar a promessa, nunca cumprida, de construir a tal latrina. Na sua ausência, a menina sonhava com o

presente, imaginava que bom mesmo seria construí-lo dentro de casa, para imediatamente se dar conta de que não poderia realizar esse sonho em função da precária estrutura do barraco onde morava, incapaz até mesmo de sustentar uma mísera latrina.

No prefácio da única novela que publicou – *Homens e caranguejos* –, o cientista Josué de Castro discorre sobre a impressão que lhe causavam os homens que pertenciam à classe nomeada por ele “sociedade dos caranguejos” (2001, 13) – homens anfíbios, alimentados desde a infância do leite de lama dos caranguejos; gente que vive chafurdada na lama, que urina e defeca nessa mesma lama; que é, foi ou vai ser caranguejo. No livro *Geografia da fome*, o mesmo cientista destaca que o trágico ciclo desse animal abriga o “resto do monturo humano” (2003, 224) que, para nós, a menina da ficção de Viana integra.

Enquanto esperava pela volta do homem, a menina se acostumou a, todas as vezes que ia defecar, pensar nele cumprindo a promessa. O hábito a ajudava a concretizar a posse de sua latrina: “Agora sempre que ia fazer suas necessidades, pensava nele. Ficava ali acocorada imaginando como seria a sua latrina” (p. 40). O homem ainda voltou algumas vezes, mas nada de latrina. Até o dia em que a mãe da menina flagrou-o violentando a filha. Depois nunca mais:

Após muito esperar, ela entrou sozinha na sala do delegado e lá perguntaram coisas que ela nem sabia responder. Só sabia dizer que ele tinha os olhos azuis e uma barba de arame. Na sala fria para onde a levaram depois, mandaram que ela subisse numa cama estreita e veio um doutor que futucou, futucou e nem falou em latrina (p. 43).

Numa espécie de simbiose com o ambiente, as personagens do conto se encontram em flagrante estado de decomposição, como

se a lama podre e os dejetos do manguezal fossem uma extensão de seus corpos. Urina, fezes, sangue e sêmen misturam-se à matéria orgânica do mangue não para gerar outras vidas, mas para degradar as que por lá vivem.

“Ana Frágua”

Trata-se mais uma vez de narrativa cujo tema é a iniciação sexual de um menino com uma prostituta, e muito embora não prevaleça a atmosfera ritualística do primeiro conto, não há como negar a submissão da personagem a um rito de passagem a fim de garantir sua entrada no mundo dos meninos-homens. Ávido por conhecer o sexo, o menino, aconselhado pelo irmão, arquiteta um jeito de visitar Ana Frágua, a prostituta mais famosa do povoado: “Todos os seus irmãos já tinham ido, menos ele. Quando falavam, contavam maravilhas” (p. 11).

Aqui também o narrador nos parece ter uma profunda intimidade com a matéria narrada, como se também ele tivesse, em algum momento de sua trajetória, vivido a mesma situação do menino. Daí a solidariedade tanto com a dor de Ana Frágua por conta da extração de alguns dentes quanto com o medo e a ansiedade do menino diante do sexo prematuro. A situação parece acordar no narrador sentimentos há muito experimentados.

O menino balançou a cabeça, engoliu em seco e ela: “O que tá fazendo aqui a essa hora?”. Ele se atrapalhou todo, não sabia o que falar e, com uma coragem que nunca pensou que fosse ter, disse: “Vim foder com a senhora” (p. 12).

No quintal de Ana Frágua, o cenário é de miséria; nele vivem moscas, crianças sujas e porcos que fuçam dejetos.

São personagens coadjuvantes da indigência da puta, cujo corpo dá sinais de degradação – olhos murchos, envelhecimento, perda de dentes e baba vermelha escorrendo da boca. Os índices, de tão marcantes, surpreendem o menino, confrontado com uma pobreza maior que a sua:

Ele foi entrando pelos fundos, vendo que a casa tão famosa era mais pobre que a dele, nem sentina tinha. Na dele, pelo menos tinha aquele cercadinho onde se podia cagar à vontade sem medo de ser visto. Ali era tudo no monturo mesmo (p. 12).

Como se engendrasse uma estética harmônica da miséria, Viana prima por uma construção narrativa capaz de, mais uma vez, denunciar as contradições existentes entre os dois Brasis tão bem representados em sua prosa: o arcaico e o moderno. Contradições evidenciadas pela escolha de vocábulos como sentina, munã, confrangia e arrepanhar, recuperados do universo linguístico de um Nordeste arcaico. A harmonia estética também se faz presente nos adjetivos que Viana escolhe para marcar a exuberância e força de Ana Frágua por oposição à fragilidade das outras putas: “Ana Frágua, uma amazonense sabida que nem o cão, de olhar de mãe e cu de puta, uma fomalha entre as pernas”. Ou ainda quando informam ao menino sobre as moças do puteiro: “Que tinha uma lourinha, já imaginou uma lourinha?, uma lourinha, ali onde só havia gente de pele encardida, queimada de sol que ardia forte desde as primeiras horas do dia” (p. 12).

No entanto, essa exuberância é limitada pela necessidade que Ana Frágua tem de se submeter à dolorosa e incômoda operação de extração de três dentes, situação insólita que, além de denunciar o estado de miséria em que se encontra, é responsável pela exposição do menino a um sexo demasiada e literalmente carnal:

Ao entrar no quarto, só de japonesa, o lenço sempre na boca, disse: “Só não pode se balançar muito que hoje arranquei três dentes”. Aí o menino sentiu uma pena muito grande de Ana Frágua, viu como ela estava sofrendo e assim mesmo se dispunha a fazer dele um homem (p. 13).

Não só o cenário do conto, mas a caracterização das personagens, a escolha vocabular e a forma de representar o sexo, guardadas as devidas proporções, permitem-nos afirmar ser o autor um autêntico herdeiro da boa prosa naturalista, capaz de denunciar o caráter insólito das desigualdades sociais que assolam o Nordeste brasileiro e ainda engendrar imagens quase cinematográficas das situações que se propõe a narrar.

“Novidade”

Trata-se do último conto de Viana analisado neste trabalho. A intenção de deixá-lo para o final deve-se ao fato de que o mesmo se encaixa perfeitamente como fecho desta análise sobre o lugar que a infância ocupa na obra do autor. Se, em uma primeira leitura, poderíamos dizer que nesse conto Viana aliviou a mão no que se refere às iniquidades que suas pequenas personagens são obrigadas a enfrentar, não podemos deixar de observar que o menino de “Novidade”, apesar de não se achar diretamente exposto a nenhuma situação de abandono ou mesmo de crueldade, deixa-nos atônitos quando transforma seu natural e previsível medo infantil de dentista em surpresa e quase felicidade, configurando-se em mais um dado insólito da sua condição social de menino pobre.

Essa condição o leva a receber como grande novidade a necessidade de ir ao dentista, sobretudo porque seria a primeira vez que usufruiria do direito de frequentar um lugar tão limpo e cheiroso.

Nesse sentido, o sentimento de felicidade que se apossa do menino é tão ou mais insólito que o inusitado desejo da protagonista de “Barba de arame”, e com ele pode dialogar. Ao passo que para uma criança em condições econômicas superiores às dele uma corriqueira ida ao dentista poderia provocar, quando muito, um grande pavor, o conto contém o seguinte trecho: “tudo branco, uma moça linda, de branco, e dela vinha um cheiro bom, bem diferente do cheiro, também bom, do curral das vacas. E havia um friozinho como ele jamais pensara existir no mundo...” (2004, 149).

A marca mais forte e cruel da pobreza do menino é a condição em que seus dentes se encontram. As inúmeras “panelas” não podiam mais ser tratadas com paliativos – gaiacol e folha de muçambê –, tamanhos eram os buracos provocados pelas cáries. Por conta dessa pobreza, não havia outra saída que não a extração dos dentes: “em sua boca quase todos eram panela. Doíam tanto que não tinha mais gaiacol que desse jeito. Folha de muçambê era o mesmo que nada. Já tinha acabado com todos os pés” (idem).

Mesmo diante da dor que as investidas do dentista provocavam em sua boca, o menino achava tudo uma grande novidade; ainda que não fosse boa, não deixava de ser novidade. Arrancou dois dentes e foi ameaçado pelo dentista de na semana seguinte arrancar mais dois; ainda assim, o insólito passeio continuava a ser a única novidade em sua vida.

De certo modo, para nós, leitores, essa situação também não deixa de ser uma grande novidade, principalmente se comparada ao processo de violação da menina de “Barba de arame” ou ao sentimento de abandono do menino do primeiro conto. Neste caso, o elemento externo que provoca a dor do menino é o mesmo que o faz alegrar-se. Naquele ambiente inóspito, só a dor foi capaz de proporcionar-lhe a alegria da descoberta de coisas novas.

Conclusão

Antonio Carlos Viana, assim como Graciliano Ramos, além de não perder a dimensão crítica do seu papel de escritor frente à insólita e inóspita realidade nordestina, elabora uma narrativa onde não há lugar para o discurso pitoresco, para o clichê, tampouco para as representações panfletárias do real, muito provavelmente por conta de sua proximidade solidária com a dor narrada. Além disso, sua capacidade de captar o insólito e transformá-lo em matéria de ficção o coloca no lugar de um arguto observador daquela realidade.

Ao tratar da perda da inocência, por subtração, obrigamos a pensar no conceito de infância que até hoje paira sobre o imaginário contemporâneo, cuja origem remonta à Idade Moderna europeia – quando, por volta do século XVII, países como França e Inglaterra, diante de tantas atrocidades cometidas contra crianças, viram-se obrigados a cuidar delas. De adultos em miniatura passaram a ser encaradas como pequenos seres que deveriam ser moldados e educados para viver em sociedade – sobretudo porque, para muitos pensadores da época, como Locke, a criança não era um ser civilizado. Necessitava, portanto, da orientação dos adultos para que pudesse penetrar no mundo. Locke as via como seres amorfos, uma folha em branco que precisava ser escrita. Para Locke, a educação ideal era aquela capaz não só de ensinar o autocontrole, mas de inculcar o sentimento de vergonha entre os pequenos para que pudessem compartilhar, no futuro, do mundo dos adultos, já que ele os via como adultos em potencial, ou ainda como um meio para alcançar um fim.

Um século depois de Locke ter publicado *Da educação das crianças*, Rousseau, na França, para conceituar a infância, recorreu

à metáfora da natureza, da planta que deveria crescer de forma orgânica e natural, sem a interferência do processo educativo. Para ele, a criança deveria tornar-se uma flor saudável, em estado natural – concepção coerente com a sua teoria do “bom selvagem”. Rousseau defendia que a criança precisava ser encarada como um ser importante em si mesmo, e não como um meio para que se alcançasse um fim, como pensava Locke. Para ele, a infância era o estágio da vida em que o homem mais se aproximava do “estado de natureza”. Essa concepção foi extremamente importante para que as sociedades forjassem um novo conceito de infância, e foi a partir dela que virtudes como espontaneidade, pureza, vigor e alegria puderam ser reconhecidas e cultuadas como valores importantes e intrínsecos do comportamento infantil.

Apesar de concepções divergentes no que se refere à educação de crianças, tanto Locke quanto Rousseau concordavam que a orientação deveria ser dada pelos adultos. Para Rousseau, a criança era a própria natureza e deveria ser preservada como tal, ao passo que para Locke ela deveria tornar-se um livro variado e exuberante, escrito pelos adultos.

Para Norbert Elias, quando o conceito de infância se desenvolveu a sociedade começou a colecionar uma série de segredos que deveriam permanecer longe das crianças: as relações sexuais, a violência, a morte, o dinheiro, as doenças e os conflitos nas relações sociais. A criança precisou ser treinada para penetrar no mundo dos adultos, e isso foi feito através da escola e do livro.

No entanto, tais concepções não servem como medida para aferir os cuidados que a família dispensa ao menino conduzido pelas mãos do pai para viver sua primeira experiência sexual; tampouco nos parece que Luana – a protagonista de “Barba de arame” – ou

mesmo o neófito de Ana Frágua e, por último, o quase feliz menino de “Novidade” estivessem sendo preparados para se tornar um livro variado e exuberante, como pretendia Locke. Parece-nos óbvio que essa construção de infância não dá conta de explicar a infância retratada na ficção de Viana, que se configura como representação de uma parcela muito significativa de crianças da nossa sociedade, sobretudo porque a situação de indigência em que estão inseridas exige soluções de ordem prática, capazes de devolver-lhes, em primeiro lugar, o que têm de mais importante: a condição humana. Nenhum discurso filosófico ou pedagógico, por mais bem intencionado que seja, será suficiente para forjar tais soluções, tampouco para engendrar uma ideia única de infância condizente com a nossa realidade.

Muito embora as personagens principais dos contos analisados sejam crianças, nenhum narrador faz menção a escolas, brinquedos, livros ou qualquer outro signo que aproxime a infância de um rascunho de dignidade para a existência humana. Partindo da premissa de que na modernidade coube à escola definir um novo lugar para a infância, cabe considerar se são mesmo crianças as pequenas personagens da ficção de Viana, ou se estamos diante de novos adultos em miniatura, como aqueles que habitavam a Europa na Idade Média e a Inglaterra durante a Revolução Industrial.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- CASTRO, Josué. *Homens e caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FREUD, Sigmund. *Sobre o narcisismo: uma introdução. Obras Completas*. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- KONDER, Leandro. *As artes da palavra*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- PEREIRA, Rogério. “Paiol cultural”. *Rascunho*. Curitiba. Disponível em: <http://rascunho.rpc.com.br/index.php>.
- POSTMAN, Neill. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 2001.
- SPINOZA, Baruch. “Pensamentos metafísicos”; “Tratado da correção do intelecto”; “Tratado político”. In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- VIANA, Antonio Carlos. *No meio do mundo e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Aberto está o inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

